

Ainda o Prefácio de Antonio Candido

RÔMULO MANZATTO (*)

Raízes do Brasil é um livro que não descansa, afirmam Pedro Meira Monteiro e Lilia Moritz Schwarcz.

Publicado em 1936, o livro de Sérgio Buarque de Holanda foi sucessivamente alterado por seu autor, que reagia aos diferentes contextos históricos com recortes, adições e novas edições de seu primeiro livro.

Os constantes retornos do autor ao livro parecem ter sido correspondidos por seus leitores. Afinal, já há mais de 86 anos *Raízes do Brasil* é interpretado por diferentes perspectivas, no que provoca novos sentidos de leitura, agrega simpatizantes, suscita resistências e desvela, ou oculta, novas trilhas de leitura.¹

Em artigo que abre a edição crítica em comemoração aos 80 anos de publicação da obra, Pedro Monteiro e Lilia Schwarcz abordam o contexto de publicação do primeiro livro do então jovem professor universitário Sérgio Buarque, reconstituem as influências colhidas em seus anos na Alemanha e o prestígio da primeira edição do jovem intelectual acolhida pela editora José Olympio para inaugurar sua linha

editorial de *Documentos Brasileiros* (MONTEIRO; SCHWARCZ, 2016).

No rico artigo de Monteiro e Schwarcz, uma questão específica nos interessa em particular: a do prefácio de Antonio Candido a *Raízes do Brasil*, feito na quinta edição da obra, a definitiva, publicada somente em 1969.

Na edição do mês de novembro de 2020, em *O prefácio de Antonio Candido a Raízes do Brasil*, procurei² apresentar alguns pontos da leitura de Candido sobre os três autores que haviam marcado a formação intelectual de sua geração, ou seja, os que em meados dos anos de 1960 já se encontravam “um pouco para cá ou um pouco para lá dos cinquenta anos”, nas palavras do prefaciador, e que aprenderam a pensar o país a partir das obras de Sérgio Buarque, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr.

Naquele contexto, as obras dos três autores foram as que melhor captaram o chamado “sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 1930”. (CANDIDO, 2013, p. 9)

Tido por Candido como um livro discreto, com poucas citações, o

autor do prefácio nos lembra que *Raízes do Brasil* se apoiava na história social francesa, na sociologia cultural alemã e em elementos de teoria etnológica para dialogar com uma geração já descrente das soluções oferecidas pelo liberalismo tradicional do período entre-guerras.

Em diálogo com o texto, o prefácio apresenta ao leitor de *Raízes do Brasil* as estruturas do livro, construídas sobre “uma admirável metodologia dos contrários, que alarga e aprofunda a velha dicotomia da reflexão latino-americana”, parte de uma longa tradição do pensamento realizado a partir da América Latina de procurar estruturar a reflexão social em torno de condições antagônicas. Trata-se de um específico “senso dos contrastes e mesmo dos contrários” que organiza, por exemplo, o conflito entre *Civilização e Barbárie* no *Facundo*, do argentino Domingo Sarmiento, além do poderoso relato de Euclides da Cunha em *Os sertões*. (CANDIDO, 2013, p. 12).

Ao analisar o último capítulo de *Raízes do Brasil*, intitulado “Nossa Revolução”, Antonio Candido destaca como “a dissolução da ordem tradicional ocasiona contradições

não resolvidas, que nascem no nível da estrutura social e se manifestam no das instituições e ideias políticas”.

A “revolução” aludida corresponderia assim ao processo de dissolução da tradicional sociedade agrária, iniciado no final do século XIX: “trata-se de liquidar o passado, adotar o ritmo urbano e propiciar a emergência das camadas oprimidas da população, únicas com capacidade para revitalizar a sociedade” (CANDIDO, 2013, p. 18-19).

A partir de então e do prefácio de Antonio Candido, outras representações da obra de Sérgio Buarque ganham o mundo, e o próprio prefácio passa a fazer parte da história de *Raízes do Brasil*. Como lembram Pedro Monteiro e Lilia Schwarcz, a releitura de Candido, no final dos anos 1960, pintava “um livro engajado, totalmente livre das tentações autoritárias (...) nada comprometido com uma visão adocicada das relações sociais no Brasil” (MONTEIRO; SCHWARCZ, 2016, p. 16).

Como não poderia deixar de ser, a releitura de Antonio Candido suscitou reações. Em tirada provocativa, o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos afirmou que *Raízes de Brasil*, lido atualmente como um livro antiautoritário e radicalmente engajado na transformação democrática do país, não passava de “uma invenção de Antonio Candido”. (MONTEIRO; SCHWARCZ, 2016, p. 16).

Outras avaliações são mais equilibradas. Monteiro e Schwarcz citam a sugestão de João Kennedy Eugênio que inverte a ordem da provocação de Wanderley Guilherme dos Santos. Neste caso, o prefácio de Antonio Candido é que seria uma invenção de Sérgio Buarque, já que as muitas modificações e esclarecimentos de Sérgio Buarque em cinco diferentes edições da obra foram “limpando o terreno e construindo um livro mais ‘radical’, até que o amigo crítico pudesse interpretá-lo” em seu prefácio. (MONTEIRO; SCHWARCZ, 2016, p. 17).

Assim, teria cabido a Antonio Candido somente encontrar, destacar e trazer para o primeiro plano da obra “um ‘fermento radical’ que já estava ali (...) sem levar em conta as alterações feitas pelo caminho”. (MONTEIRO; SCHWARCZ, 2016, p. 17).

Como se vê, *Raízes do Brasil* e seus leitores construíram uma rica fortuna crítica da qual já não se pode separar o prefácio de Antonio Candido.

Ao discutir os significados de *Raízes do Brasil*, não é demais lembrar outra avaliação do prefácio de Candido, isso é, de que o estudo do passado brasileiro “pode ser uma arma para abrir caminhos aos grandes movimentos democráticos” (CANDIDO, 2013, p. 24).

Ler o passado pode ser uma maneira de preparar o futuro. Tarefa tão urgente atualmente quanto foi ao final da década de 1930, quando

da publicação de *Raízes do Brasil*, e em 1967, no prefácio de Antonio Candido.

Referências

CANDIDO, A. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, S. B. D. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1967-2013.

MANZATTO, Rômulo. O Prefácio de Antonio Candido a *Raízes do Brasil*. **Informações Fipe**, n. 482, p. 105-107, nov. 2020.

_____. A aula magna de Fernando Henrique Cardoso no Instituto Rio Branco. **Informações Fipe**, n. 489, p. 39-40, jun. 2021.

MONTEIRO, Pedro Meira; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Uma edição crítica de *Raízes do Brasil: O Historiador lê a si mesmo*. In. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**; org. Pedro Meira Monteiro, Lilia Moritz Schwarcz; estabelecimento de texto e notas Maurício Acuña e Marcelo Diego. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

1 Desde 1995, quando *Raízes do Brasil* foi incorporado ao catálogo da editora Companhia das Letras e até 2016, foram vendidos cerca de 250 mil exemplares da obra. (MONTEIRO; SCHWARCZ, 2016, p. 24).

2 Em edições anteriores de *Informações Fipe*, abordei o tema em duas ocasiões: Em novembro de 2020 em *O prefácio de Antonio Candido a Raízes do Brasil* e, alguns meses depois, em junho de 2021, em *A aula magna de Fernando Henrique Cardoso no Instituto Rio Branco*. Ver Manzatto (2020 e 2021).

(*) Economista (FEA-USP) e mestre em Ciência Política (DCP/FFLCH-USP). (E-mail: romulo.manzatto@gmail.com)